

Suas Magestades e Altezas
passam sem novidade em suas
importantes saúdes.

O excellentissimo sr. conde
de tomar continua a soffrer de
figado e palpitações de coração
depois da sua ausencia de Lis-
boa.

A gravata Bayard.



A cabralistas que não
morrem, porque o
nome é immortal.
O sr. Bayard do
protocollo, defuncto
ministro, hade vi-
ver em quanto exis-
tir aquella gravata,
que promette uma
existencia de pyra-
mide do Egypto.

São estas e não outras as considerações
que nos levam hoje a fallar de leve na-
quelle monumento historico.

A lança d'Achilles, o sabre de Maho-
met, o cutello d'Attila e a espada de Na-
poleão tem atravessado d'anno em anno
cobertas d'eterna gloria — o mesmo succe-
derá á gravata do sr. Bayard.

E ninguem censure o ex-ministro em
escolher uma gravata para lhe dar celebri-
dade e não uma arma, pois que S. Ex.^a
se não tem a coragem d'Achilles possui
pelo menos a prudencia d'Ulysses.

A gravata de um heroe daquella altura
é objecto excessivamente raro, e estamos
certos que lord Wellington (se ainda fór
vivo) ou outro qualquer lord quando se
vender, dão todo o fundo do banco de In-
glaterra.

E com effeito é levar a gomma á per-
feição da louça da Vista-Alegre — consis-
tente, pollida, não parece uma gravata,
mas sim uma maravilha engommada que
deslumbra, que atordoa, que faz o pasmo
de toda a Europa.

Sabemos que a gravata em questão se
acha pedida, quando S. Ex.^a a largar,
sendo o producto da sua venda applicado
ao sustento de setecentos mil pobres!!

POR ser amanhã o anniversario de S.
Martinho, estamos authorisados a de-
clarar, que o reverendo Marcos não rece-
berá pessoa alguma. pois passará o dia
em oração a este Santo, seu patrono.

Foi-nos enviada a seguinte Epistola,
que nos apressamos a apresentar a nossos
leitores.

AO DIA 11 DO CORRENTE.

Oh! tres, e quatro vezes venturosos,
Os que livres de arrótos asquerosos,
Arrancaes d'esse estomago arrogante
Bafóradas do liquido espumante!
Vós sempre zombateis da gente louca;
A quem amarga sempre, e fêde a bôca:
Vós nunca soffrereis angustia amarga
Em quanto burros foreis d'esta carga:
Nunca vereis o rôsto á vil tristeza;
Gozareis alegria sempre á têza;
Em vossa vida nunca sereis pobres,
Pois quando alguma vez faltem os cobres,
De graça haveis achar do nosso Baccho.
Quem vos encha da tripa o largo sacco:
Trazendo n'algebeira uma azeitona;
Nunca pôde faltar-vos grande mona;
Uma cabeça de sardinha assada,
Pelo menos, enxuga uma canada.
Dando a vossos irmãos estes petiscos,
Convosco não serão jámais ariscos;
Hão-de logo valer-vos promptamente,
Offertando-vos vinho em continente:
Quer Baccho, que ninguem á sede morra:
Haveis vinho chupar á tripa fôtra:
Onde loufos ás portas devisares,
Achareis os patusecos aos milhares;
Nestas casas entrari por brincadeira,
Que haveis dellas sahir com bebedeira.
Tende fê, meus irmãos, que o Deus do vinho,
Com seus devotos nunca foi mesquinho;
Muito pobre, que seja o seu devoto.
Q'ande descalço; sem camiza, e roto,
Nunca d'elle se esquece e lhe procura
Meios com que terá d'elle fartura;
Em quanto Baccho fór vosso patrão,
Tudo será prazer, nada afflicção.
Não temais recolher-vos um só dia,
Sem azeite levar n'amotolia:
Mesmo chatas trazendo as algebeiras,
Recolher-vos haveis com bebedeiras:
Adorai, adorai Baccho potente,
Que com vinho não falta á sua gente.

(Marcos.)

FANTASIAS.

II.

A VIDA DO CAFFÉ MARRARE.



SE em todas as cou-
sas do mundo ha
mysterios, permita-se-
nos tambem de ter a
vauidade de affirmar,
que no viver, do caffè
Marrare ha tambem
um lado mysterioso, e
além de mysterioso,
poetico.

Ha quem viva para o
caffé e dentro do caffè
(já se sabe da loja); e
o janota typo que o fre-
quenta habitualmente, ás mesmas horas,

que se senta no mesmo sitio; que joga
com o mesmo parceiro o bilhar; e que
diz as mesmas chalaças — é d'uma heroi-
cidade que nem o Recta Pibubheia a orar
lhe ganha! E' um estudo que merece a
pena profundar-se.

Se existe virtude n'este mundo, ella an-
dou de quinzea no verão e ainda agora de
paletó d'inverno; trouxe chapéo de merinó
côr de púlga, e traz actualmente a fronte
resguardada com um elmo de seda de mr.
Charles: a virtude é o janota, e com isto
dizemos tudo, ou pelo menos dizemos al-
guma cousa.

A paciência evangelica com que a um
acção da authoridade se callaram cem bô-
cas e veiu o dominó (ente inoffensivo,
propriedade das tias velhas, e daquelles
bons tempos em que se jogava o gamão
nas boticas) cortar pela raiz mais de um
discurso eloquente, que não affligia senão
ao Pandora; mas em quanto ao mais era
uniforme, motoio e insipido como qual-
quer discurso d'abertura de camara. Effei-
tuou-se pois a transição do sublime ao ri-
diculo; consummou-se o sacrificio sobre
uma chavena de caffè, e morreu para
sempre a politica; a mordaca ou o dominó
veiu apagar em todas as cabeças, em to-
dos os peitos o enthusiasmo guerreiro (de
palavras já se sabe) que incendiava valo-
rosos portuguezes. Joga-se portanto o do-
minó e até agora ninguem morreu, porque
temos visto sahir regularmente á meia
noite todos os freguezes a passo grave;
temo-los até visto (caso raro!) conserva-
tem um sangue frio inalteravel, e as fa-
culdades em tal ponto de perfeição que vai
o sujeito para sua casa sem se enganar
uma só vez: é preciso ser muito robus-
to!!

Fallámos em mysterios e talvez fosse
esta a occasião de levantar-lhe o véo e ap-
resentar-vos o *vacifo*, ponto separado da
parte principal do caffè Marrare, ancora-
douro da idade provecta e deposito geral
do dominó em escala vastissima.... Não,
ha segredos que se não devem profanar,
mysterios que se devem conservar: adiante.

Quando vêdes de longe aquellas nume-
rosas cabeças envoltas em nuvens de fumo
de charuto, não achais tão bello? Quando
ouvis aquella algazarra, aquella diversida-
de de vozes, aquella ponche ardente,
aquella delicada operação do *cognac* in-
flammado dentro do caffè; não estremeceis
de prazer, não tendes vontade de morrer
d'alegria?

Oh! O caffè Marrare é o nosso viver
— se no-lo arrancais arrancais-nos o cora-
ção; e sereis tão barbaros que nos quei-
rais ver sem coração? O peixe não vive
senão n'agua, o lisbonense só vive, só
respira no Marrare, é o seu idolo, a sua
esperança, o seu prazer, tudo!

IMMUNDICES.

« Immundice é tudo quanto é sujo. »
(Aristotles.)



Camara Municipal de Lisboa publicou ha dias um edital pedindo ás pessoas que saibam onde existem immundices, de lh'o participar.

Vamos satisfazer os desejos da illustre Camara apresentando uma lista de immundices.

O Traste-immundo.

Nabos e nabças.

A opera — Safo.

Annuncios de quinzena.

Corações maternas.

O Popular, e finalmente o João Elias. N. B. — Esta ultima immundice a não ser removida quanto antes, póde occasionar a cholera.

Parece não se verificar a infausta noticia do casamento de João Elias.

MAXIMA MORAL.

ANTIGAMENTE iam os ladrões para os pinhaes, hoje vem os pinhaes para os ladrões

(Falcão).

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Instrucções ou preceitos que se devem adoptar contra os roubos dos cabraes, nas quaes se indicam os meios a seguir antes de se effectuarem os roubos — para uso do povo portuguez. — Por uma sociedade de ladrões.

VENDAS

Na imprensa do Supplemento se acha á venda a parte telegraphica da queda de Vienna dada no *Estandarte*.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

TYP. DE M. DE J. COELHO,

Poço dos Negros N.º 54.



ATHE ONDE PODE CONDUSIR A LEITURA DO DIÁRIO!!